

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1208	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Julho de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	\$1000	\$120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$1250	\$120		

A Nova Incursão dos Conspiradores na fronteira portugueza



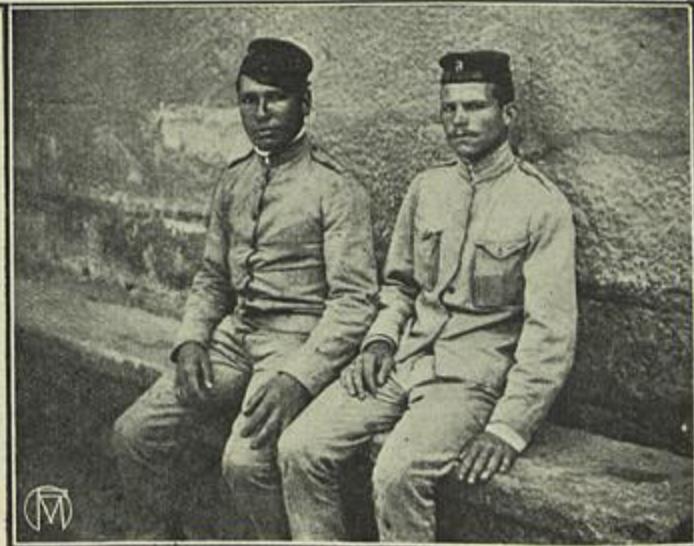
D. JOÃO DE ALMEIDA, UM DOS CHEFFS DOS CONSPIRADORES CONDUZIDO DEBAIXO DE PRISÃO — OS SOLDADOS 151 E 114 DE CAVALARIA 6, QUE APRISIONARAM D. JOÃO DE ALMEIDA.

CRONICA OCCIDENTAL

Não deverá admirar que a cronica deslize um tanto por fóra da nova incurção dos conspiradores, sendo este o acontecimento palpitante dos ultimos dez dias, mas a razão é que esse acontecimento palpitante vae devidamente relatado em artigo especial, acompanhando interessantes gravuras que neste numero se publicam relativas ao assunto. Para que, pois, repetições.

De resto, o que se tem passado, em Lisboa, dá pano para mangas e até para camisas de onze varas, em que muitos por ahi se teem visto metidos, só pela mais leve suspeita de conspirarem á porta da *Havana*, no Chiado, ou á porta da *Brasileira*, no Rocio.

Isso custou a vida ao segundo tenente de marinha Manuel Alberto Soares, que em tempo se envolvera num *complot* monarquico com séde



no Algarve, donde o mesmo era natural, pelo que fôra preso, julgado e absolvido. Agora estava, simplesmente, á porta da *Brasileira*, discutindo com amigos os ultimos acontecimentos e, porque a sua critica não agradava a outros que a ouviam, êle foi alvo de ameaças do povo que se juntou e o perseguiu até á entrada do hotel Francfort, na rua de Santa Justa, onde por vezes se hospedava e, ali foi morto a tiros de revolver.

Uma ruim ação e uma desgraça, que não ficou por aqui, pois a senhora com quem o desditoso official vivia, D. Maria do Carmo Sequeira de Vasconcelos, ao saber a infausta nova, tão profundamente se sentiu em seu coração, que sobre êle desfechou um revolver, caíndo tambem morta.

E em poucas horas se deu esta horrivel tragedia, cujo epilogo foi um coração amoroso não poder resistir á falta do ente amado.

Curvemo-nos sobre esta campa que muitas senhoras fôram regar de lagrimas e espargir de flôres.

A nossa linda Lisboa viu as suas ruas manchadas de sangue pela exaltação apaixonada de alguns de seus cidadãos, que assim respondiam e tiravam, acaso, vingança pelos republicanos que na fronteira cahiam varados de balas dos conspiradores.

Mas não proseguiram, felizmente, os assassina-tos, ainda que continuaram as bengaladas e mór-cadas amachucando e até ferindo quantos, a um ou a outro aprovava apontar ás turbas como contrarios ao regimen!

Recuára-se quasi um seculo quando, em Portugal campeavam os caceteiros de D. Miguel ou dos Cabraes, prendendo e tosando nas costas dos *malhados* e dos *patoleias*.

Para consolidar as instituições e defender a Republica não parece que sejam estes os melhores processos, como o não fôram naqueles tempos, e nenhum republicano a quem a paixão não tiver obcecado o bom senso, poderá aprovar taes excessos.

A Republica tem o seu governo que a sabe defender e, tanto assim, que, em vista do sucedido, êle fez publicar no *Diario do Governo* a seguinte portaria:

«Tendo sido informado de que, nos ultimos dias, alguns individuos, não investidos de autoridade, teem arbitrariamente procedido a buscas domiciliarias e a prisões fóra dos casos expressamente consignados na constituição, com grave prejuizo da segurança e com desprezo das garantias individuaes dos cidadãos: manda o governo

da Republica Portugêsa, pelo ministro do interior, que ás autoridades seja suscitada a observancia das leis vigentes, tornando-se publico, por editaes convenientemente afixados, que serão impostas as penas da lei aos autores e cumplices de semelhantes abusos.

Paços do governo da Republica, em 16 de julho de 1912. — O ministro do interior, Duarte Leite Pereira da Silva. Lisboa, 17 de julho de 1912. O governador civil, Manuel N. de Oliveira.»

Para compensar estes desatinos houve uma manifestação tão ordeira como imponente, promovida pelo grupo Pró Patria, ao governo, congratulando-se pelo triunfo das forças republicanas na fronteira, e ao mesmo tempo de saudação ao ministro da Belgica, por o governo desta nação ter sustado a sahida de um navio com material de guerra para os conspiradores portugêses.

Foi um extenso cortejo que, em a noite de 9 do corrente, se formou na praça dos Restauradores e se dirigiu pelo largo de Camões, Rocio, lado oriental, rua Augusta e praça do Comercio, onde, em frente do ministerio do interior, saudou o presidente do governo e depois seguiu pela praça do Municipio, rua do Almada, Chiado, até á legação da Belgica, e ali a direção do grupo foi recebida por alguns empregados, na ausencia do ministro que estava em Cintra, onde doença de pessoa de familia o detinha.

Foi uma nota cordata, no meio do desvario, este cortejo, pela ordem em que se manteve, sem incidente desagradavel.

Nêle tomaram parte, além dos agrupados, cidadãos de todas as classes sociaes, das mais e das menos ilustradas, tomando parte inclusivè, o elemento feminino, elevando se a totalidade a alguns milhares de pessoas, que manifestavam bem seu entusiasmo, correspondido com igual calor pelo povo que se ia juntando nas ruas do trajeto e das janelas, algumas embandeiradas, damas saudavam os manifestantes.

Tambem o Centro Escolar Democratico Espanhol, em seu nome e no da colonia espanhola, se manifestou, felicitando o governo portugêse e lavrando o seu protesto contra o procedimento do governo espanhol, nos seguintes termos:

«A Assembleia Geral cosntituída pelos socios deste Centro e numerosissimos espanhoes, residentes em Lisboa, resolve por aclamação:

1.º Felicitar o governo da nobre nação portugêsa pela energia e acertadas medidas postas em pratica para manter a ordem publica, tão

necessaria ao desenvolvimento desta florescente Republica.

2.º Protestar contra o amparo ou proteção que por parte do governo de Espanha ou dos seus delegados, tiveram naquele territorio, notavelmente na Galiza, os conspiradores portugêses.

3.º Reclamar do governo de Espanha que de futuro não consinta nos manejos dos conspiradores, empregando para tal fim quanta energia seja necessaria, como o reclama: o Direito Internacional; a amizade para com uma Nação irmã, e o natural respeito que deve guardar-se ás Instituições por que cada país se governa.

Os mais ardentes votos pela prosperidade desta Nação que amam como irmã, apresentam a V. Ex.ª respeitosaes correligionarios espanhoes.»

De facto o governo portugêse tem tido a sufficiente sensatez e energia para manter a ordem e restabelecer a normalidade da vida publica, que nos primeiros dias os acontecimentos haviam alterado.

As noticias tranquilisadoras vindas de todos os pontos do país, foram pouco a pouco desfazendo ás más impressões do publico.

Lisboa, que se havia retraído impressionada pelos alarmantes acontecimentos, voltou ao seu movimento habitual e se o comercio não sente ainda bater-lhe sobre o balcão os escudos portugêses, é porque as maquinas que os hão-de fabricar estão escangalhadas, segundo se lê nos jornaes.

Alguns milhares de kilos de prata esperam ser cunhados — sem calembur — para correrem a *Maratona*, porventura com mais fortuna que o pobre Francisco Lazaro, que foi correr em Stockolmo, nos Jogos Olimpicos Internacionaes.

Francisco Lazaro era a flôr dos corredores portugêses, sempre vencedor, como ainda na ultima *Maratona* portugêsa, disputada no dia 2 de junho findo, correndo, em 2 horas, 25 minutos e 8 segundos, a bagatela de 42:800 metros, chegando ao termo da jornada fresco que nem uma alface.

Agora o laconismo de um telegrama de Stockolmo participou: «Francisco Lazaro, aos 30 kilometros marchava á cabeça do pelotão, ao lado do sul-africano Mac-Artur. Um ataque de insolação prostrou-o.»

Tudo indicava que seria êle o vencedor, a morte, porém, é que o venceu.

Lisboa volta á sua vida habitual. As senhoras já vão ás pastelarias lanchar bolos, quando, no



Legenda: — Caminhos de Ferro = — Divisão de fronteira = Estradas
 Rios = Divisão de províncias

MAPA DA FRONTEIRA PORTUGÊSA DO MINHO E TRAZ-OS-MONTES ONDE OS CONSPIRADORES FIZERAM A INCURSÃO

Marques, não fazem as honras ao chá das cinco. A' noitinha começa a romaria para os animatografos e para o Republica a gosar as sensações do *Grand Guignol*. Carros eléctricos, todos iluminados, correm as ruas fazendo reclamo ás touzadas.

Lisboa diverte-se e, se não tem motivos para grandes alegrias, lá se diz: «Tristezas não pagam dividas...»

CAETANO ALBERTO.

A nova incursão de conspiradores na fronteira portuguesa

Na cronica do numero antecedente, esta se referiu, á ultima hora, á nova incursão dos conspiradores, na fronteira, relatando resumidamente o que, até á hora desta revista entrar na maquina, se sabia.

Registramos hoje neste arquivo da historia, com a concisão necessaria e a imparcialidade devida, o que de mais importante ocorreu nos assaltos que os conspiradores realisaram.

O plano de Paiva Couceiro, chefe dos conspiradores, era fazer a incursão por diferentes pontos das provincias do Minho e de Traz-os-Montes, ao mesmo tempo, esperando para o bom successo do seu plano, com a adesão das povoações portuguezas por onde pretendia penetrar, contando engrossar assim as suas fileiras e avançar pelo país a dentro, onde iria proclamando a monarchia. E' claro que Paiva Couceiro para a execução deste plano, confiava nas adesões, que os envolvidos em varios *complots* monarchicos do país, lhe asseguravam, pois só assim poderia, acaso, conseguir alguma coisa do que se propunha.

Como o plano se realisou e as adesões se confirmaram é o que se vae vêr.

Na madrugada do dia 6 deste mez, sob um espesso nevoeiro, uma columna de uns duzentos conspiradores desembarcaram em Ganfei e Segadães, ou melhor Cristelo-Côvo, povoações na margem esquerda do rio Minho, esta ultima a 3 kilometros a O. de Valença, sendo até um porto de embarque e desembarque muito concorrido, preferido ao caes da vila.

Esta columna veiu acampar em um sitio chamado Conguedos, onde, sob o denso arvoredo do logar melhor se ocultou por algum tempo, até que, continuando o nevoeiro, se pôs em marcha pela estrada de Monsão, seguindo para Valença e, aproveitando-se ainda do mesmo nevoeiro, se apossou da estação do caminho de ferro e do posto fiscal, quasi desamparado de guardas que andavam em serviço no rio.

No entanto os poucos guardas que ali estavam travaram ligeiro tiroteio com os invasores, mas sem maior importancia, resultando, comtudo, ficar prisioneiro um sargento fiscal.

A seguir uma parte da columna apossou-se da ponte, e a outra encaminhou-se para os lados da Coroadá. Na ponte deu-se novo tiroteio ficando prisioneiro um sargento e mais alguns guardas fiscaes. Sobre o posto fiscal fôram lançadas bombas de dinamite que bastante o danificaram.

Protegidos ainda pelo nevoeiro os conspiradores dirigiram-se para a praça de Valença, esperando tomal-a de surpresa; a surpresa, porém, foi dos invasores, pois encontraram as portas fechadas e vedetas em varios pontos, que logo deram o grito de alarme.

O nevoeiro principiou a dissipar-se e a deixar vêr bem os campos de ação, não tardando que de dentro da praça principiassem a metralhar a columna inimiga, ao mesmo tempo que o 3.º batalhão de infantaria 3 e guardas fiscaes, sob o comando do capitão Lebre, lhe faziam fogo nutrido.

Surpreendidos os invasores por esta recepção, principiam a desanimar e a ceder terreno, mau grado do comandante da columna, o ex-tenente da armada Vitor Sepulveda, que acompanhou ao exilio a rainha D. Maria Pia. O valente official, que fôra um dos heroes do Cuamato, não pode incutir coragem sufficiente aos seus assalariados, que recuavam ante o fogo das forças republicanas, sentindo-se ferido e vendo cahir a seu lado mortos dois de seus companheiros de armas. Só lhe restava o retirar ainda que em desordem, fugindo ele e mais alguns dos seus pela ponte internacional, para Tuy, e outros em barcos por Segadães, Ganfei e mais povoações da margem do rio.

Nos despojos que deixaram encontraram-se armas de diversos sistemas, munições e bombas explosivas, etc.

Além das forças militares de Valença, coopeu o elemento civil, que se conduziu com o maior entusiasmo em defeza da Republica, assim como

os recrutas de infantaria com pouco tempo de instrução militar.

Neste semi combate ha a notar que só ficasse ferido o sargento fiscal, que acima se refere, de nome Gonçalves, que mais feridos ou mortos não consta haver.

Quando isto succedia em Valença, noutros pontos da fronteira, Montalegre e Chaves, feria-se luta mais importante.

Paiva Couceiro á frente de uns 800 homens bem armados e muniçados, dispondo de 2 peças de artilharia e 8 metralhadoras, tentava entrar por Montalegre, embora o seu fito fôsse Chaves, como depois se reconheceu. Assim, ainda de madrugada, acampou em Padornelos, povoação na serra do Larouco a 5 kilometros de Montalegre. Mandou um enviado com um *ultimatum* ao comandante da praça, para que se rendesse até ao meio dia. O comandante, porém, mandou deter o enviado e dispôs-se a defender a praça com as poucas forças que tinha, pedindo ao mesmo tempo para Chaves reforços.

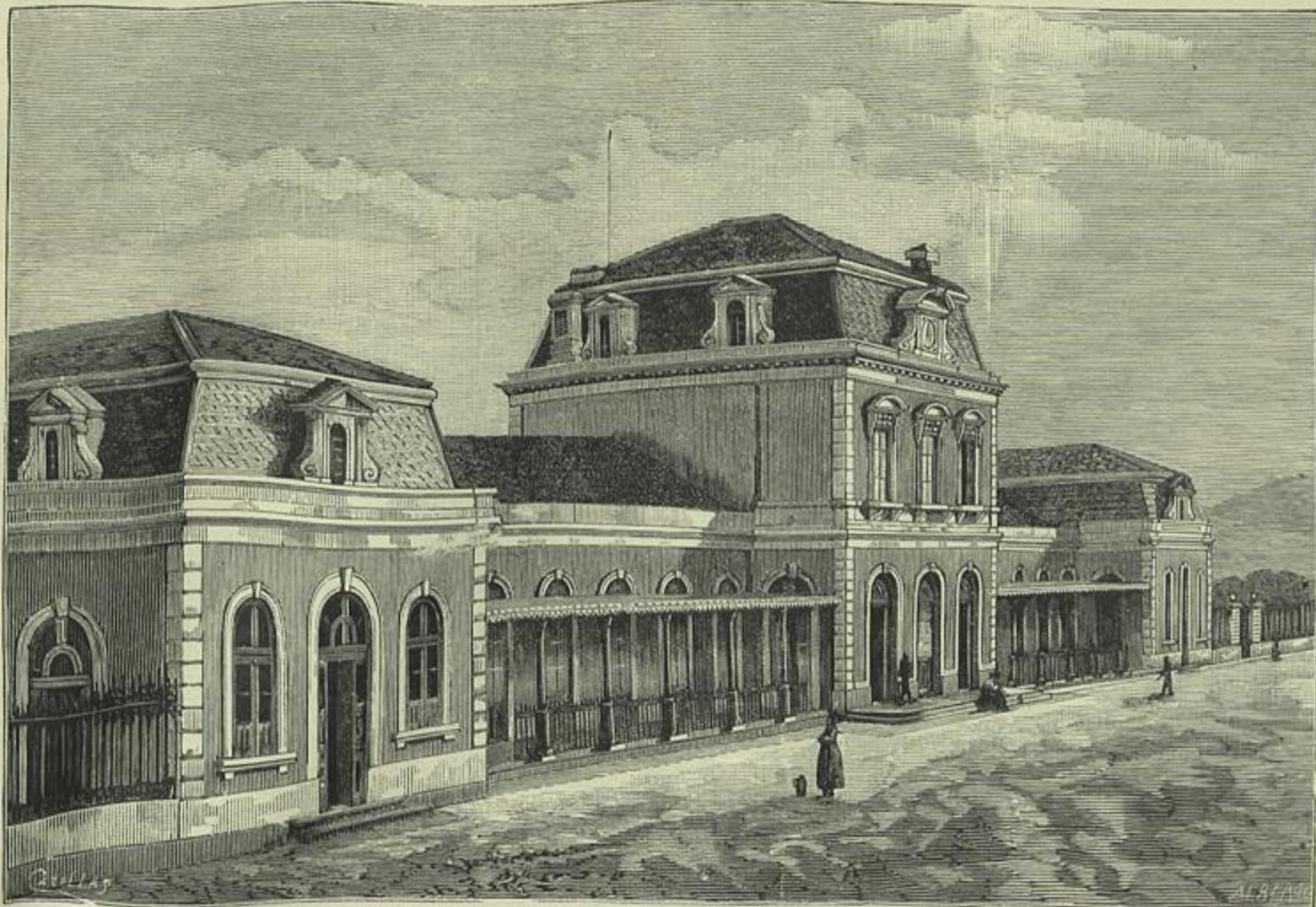
Era o que Paiva Couceiro queria. O seu ataque a Montalegre era apenas estrategico, para fazer deslocar forças de Chaves em auxilio daquela praça, e ele vir surpreender esta mais desguarnecida e facil de conquistar.

As coisas corriam á medida dos planos de Couceiro, que logo entrou em marcha forçada, sempre junto á raia, dirigindo-se para Chaves, assim que soube que desta praça tinham ido forças em socorro de Montalegre.

Efetivamente, em Chaves só tinham ficado 160 soldados de infantaria 19 e uns duzentos voluntarios sob as ordens do deputado dr. Antonio Granjo.

Paiva Couceiro aproximou-se de Chaves com os seus 800 homens, chegando a montar a artilharia que trazia no espaldão da carreira de tiro, a kilometro e meio da vila, onde aliaz ao tempo se soube, por um camponez da aldeia de S. Jorge, que, a correr como louco, veiu dar a noticia de que Couceiro marchava sobre esta praça.

Ainda que á primeira impressão se não desse credito a esta noticia, pois todos julgavam Couceiro em Montalegre, não tardou, porém, muito que se ouvisse troar a artilharia dos conspiradores, o que foi o toque de alarme para as forças da praça se reunirem e a postos responderem ao fogo do inimigo. Como ficou dito, essas forças eram deminutas em relação ás atacantes, mas isso só foi motivo para se operarem prodigios de valor na defeza da praça.



A ESTAÇÃO DE VALENÇA DE QUE OS CONSPIRADORES SE APOSSARAM MAS QUE TIVERAM DE ABANDONAR DEPOIS DE LHE TEREM FEITO DANNO COM BOMBAS DE DINAMITE

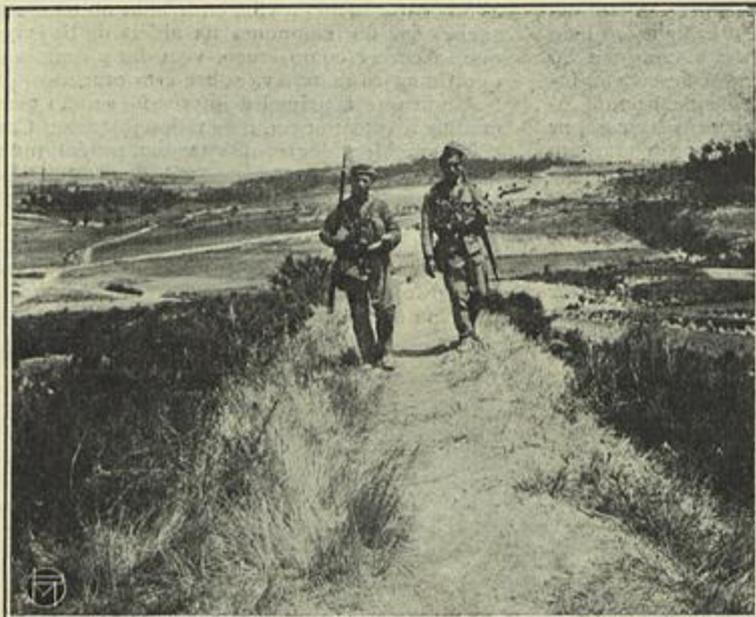
A Nova Incursão dos Conspiradores na fronteira portuguesa



OFICIAES DE CAVALARIA E DO ESTADO MAIOR
SEGUEM EM AUTOMOVEL A TOMAR CONTA DO REGIMENTO



OFICIAES DE CAVALARIA 6
ESPERANDO AS MONTADAS PARA SEGUIREM EM EXPLORAÇÃO



AVANÇADA DE VEJETAS EXPLORANDO NA FRONTEIRA DE CHAVES



UMA DAS PEÇAS DE ARTILHARIA TOMADA AOS CONSPIRADORES, EM CHAVES



CONSPIRADORES CONDUZIDOS DEBAIXO DE PRISÃO PARA A PRAÇA DE CHAVES

A Nova Incursão dos Conspiradores na fronteira portuguesa



O TENENTE DE INFANTARIA TITO DE OLIVEIRA QUE FICOU FERIDO NO COMBATE DE CHAVES



O CAPITÃO DE INFANTARIA 19, ALEXANDRINO JOSÉ DE MACEDO, FERIDO EM VINHAES



O CAPITÃO DE CAVALARIA 6, CUSTODIO ALBERTO DE OLIVEIRA, COMANDANTE DAS FORÇAS DE CHAVES QUE COMBATERAM E DERROTARAM OS CONSPIRADORES COMANDADOS POR PAIVA COUCEIRO



O TENENTE DE CAVALARIA 6, NUNO AUGUSTO DE AVELAR PINTO TAVARES, QUE FOI FERIDO NA ESPINHA, NO COMBATE DE CHAVES



O TENENTE DE ESTADO MAIOR, MAIA MAGALHÃES, QUE FOI FERIDO EM UMA PERNA, NUM RECONHECIMENTO, E SE LEVANTOU DA CAMA PARA VOLTAR A COMBATER



UMA PORÇÃO DE ARMAS E CARTUXAME APREENDIDO AOS CONSPIRADORES — UMA DAS METRALHADORAS E UMA BANDEIRA DE SEDA COM ESCUDO DE ARMAS PINTADO APREENDIDA AOS CONSPIRADORES



VISTA DE TUY DO SUL E OESTE PARA ONDE FUGIU GRANDE PARTE DOS CONSPIRADORES — (Cliché da Mala da Europa)

O combate foi formidável.

As forças de Couceiro haviam tomado posição no pinhal á esquerda da praça, protegidas pela artilharia postada em outro pinhal sobranceiro. Sob as ordens de Couceiro, comandavam a artilharia Satrio Pires, ex-capitão da antiga guarda municipal de Lisboa, e Augusto Ferreira, excapitão de artilharia da Figueira, que condenado pelo tribunal das Trinas como conspirador, fôra depois absolvido pela Relação e fugira para a Galiza. As forças de infantaria parece que eram comandadas por D. João de Almeida, capitão do exercito austriaco e secretario de D. Miguel de Bragança.

As forças republicanas não hesitaram um momento em dar batalha e sahindo a vila, entrincheiraram-se á entrada do cemiterio novo, e dali principiaram fogo nutrido de fuzilaria sobre os bandos de conspiradores, levando a morte a muitos, nos seus arraiaes.

Esta resistencia foi surpresa para Paiva Couceiro, que a não esperava e antes contava com a adesão, como, acaso, lhe teriam feito crer aqueles que o instigaram a esta aventura.

O povo de Chaves, uns se haviam recolhido a casa, principalmente mulheres, creanças e velhos, enquanto outros válidos se uniram ás forças militares e de voluntarios, todos no empenho de repelir o inimigo.

Paiva Couceiro mal pôde dissimular sua hesitação e isso foi o bastante para mais encorajar os que o batiam, avançando sempre, sem cessarem a fuzilaria, chegando á distancia de uns trinta metros dos conspiradores. Mas a esta altura, a artilharia varria as linhas de avanço e as forças republicanas tiveram de recuar á primeira posição, tendo tres officiaes feridos, havendo no campo inimigo muitas baixas de feridos tambem e alguns mortos.

No entanto a situação era grave e tornava-se preciso manter a superioridade moral já adquirida sobre as forças invasoras. Um official grita para os soldados do seu pelotão:

— Para a frente, rapazes!

Aquelas palavras foram como que uma corrente eléctrica que os tocasse e esses soldados, como um só homem, avançaram em muralha de aço, de baioneta calada, até chegarem corpo a corpo, lutando que nem leões e, quando já não podiam fazer fogo com as armas, é á coronhada que rechassam o inimigo e o levam de vencida.

No mais aceso desta luta heroica, o tenente Maia Magalhães, detido na cama, por causa de um ferimento recebido em uma perna, num reconhecimento que fizera na véspera, sabe do que se está passando e manda um automovel ao encontro das forças que regressavam de Montalegre para que se apressassem a vir socorrer as de Chaves, enquanto ele próprio reúne alguns homens e com eles corre ao logar do combate a ajudar os seus camaradas.

De parte a parte ha já bastantes feridos e alguns mortos, mas a luta continúa desesperada.

O tenente Maia Magalhães com os seus soldados, encontra um cavaleiro que aparenta ser republicano e começa a dar ordens aos soldados, mas é logo reconhecido pelo sargento do 19, Manuel Joaquim Carneiro, como sendo D. João de Almeida e, auxiliado pelos soldados João Batista, Alípio Manuel e cabo Francisco Amancio Gregorio, prende o suposto republicano.

D. João d'Almeida tenta resistir, procurando puxar de uma pistola, mas o sargento apontando-lhe a espingarda á cabeça, obriga-o a entregar-se á prisão desmontando se e entregando a pistola e uma rica espada de Toledo toda gravada e tendo nos copos as imagens, em ouro, de Nossa Senhora, Santo Antonio e S. Miguel com a legenda na folha: *S. Miguel me desembanhe*.

Conduzido prisioneiro, depois de declarar a sua qualidade de official do exercito austriaco, custou a conter o povo que o queria linchar, recolhendo com mais prisioneiros ao calabouço do regimento 19.

Outra versão, porém, corre sobre a prisão de D. João d'Almeida e é a que dois soldados de cavalaria 6 contam.

Estes soldados são o 151 e o 114 Adelino Adriano e Francisco Pinheiro, que faziam parte da coluna mixta de cavalaria 6 do comando do tenente Barreiros que tinha por subalterno o alferes Avelar. O primeiro daqueles relatou ao enviado especial do *Diario de Noticias*, o seguinte que extratamos:

«Vinha a coluna de Vila Verde e tendo atravessado para a margem esquerda do Tamega, viram, estes dois soldados, um homem, a cavallo, trajando um fato amarelado e chapéu de abas, levantada a da frente. Saindo da coluna fôram ao seu encontro, e o 151 avançando primeiro que

o seu camarada, este gritou-lhe: Prende, que é o Paiva Couceiro; mas não era, porque esse conhecia-o bem. Não obstante não havia que hesitar em prender o desconhecido e para isso apontaram-lhe as carabinas á cabeça, perguntando-lhe o que andava ali a fazer, ao que ele respondeu em linguagem, que lhes pareceu ser francesa.

Sem mais detença o 151 intimou o desconhecido a que falasse de modo que se entendesse, pois de contrario lhe dava um tiro. A esta intimitiva respondeu em português, dizendo ser um official estrangeiro que vinha ali vêr as operações.

Para nós, contou o 151, tanto valia que elle fosse estrangeiro ou não, e tratamos de lhe dar a voz de prisão, obrigando o a não tirar as mãos das redeas do cavallo.

A este tempo chuvia sobre nós continuado tiroteio, no caminho que seguimos pela esquerda do Tamega para o sul. Pouco antes de chegarem a Outeiro Sêco, appareceu um camponês que acompanhou os tres, mas á entrada do outeiro, cahiu varado por uma bala. Meteram, então, os cavalos á carga, embora o prisioneiro não estivesse muito disposto a isso, e assim atravessaram a povoação, que estava tomada pelos conspiradores, onde se ouviam repetidos vivas á monarchia, e só viram duas mulheres que davam vivas á republica. Ouvindo, pouco depois, grande tiroteio, meteram os cavalos á desfilada, até alcançarem a entrada da vila proximo da tabacaria do Albino, distante 1 kilometro desta praça. Estava á distancia uma força de infantaria 19 que nos apontou as armas, enquanto o 114 procurava um lenço na algibeira, que não encontrou, recorrendo á algibeira do prisioneiro, sacando-lhe um lenço branco com o qual acenou áquella força, e logo de lá se destacaram dois soldados, um cabo e um sargento, que vieram inteirar-se do que se tratava.

Apaream-se então os dois soldados e mandaram, aprear tambem o prisioneiro, que era D. João de Almeida, o qual foi revistado, encontrando-lhe uma pistola automatica, uma navalha, o que foi apreendido, e uma porção de dinheiro em notas e libras, que lhe deixaram, tomando-lhe uma espada que trazia.

Como o tiroteio era incessante, sobre elles no sitio em que se encontravam, largaram os cavalos, e caminhando de rôjo, para melhor escapar ás balas, conseguiram chegar ao quartel do 19, onde entregaram o prisioneiro.

Estes soldados com D. João de Almeida atravessaram uns dez kilometros, mais ou menos de baixo de fogo.»

Mas voltemos ao combate, que ainda durava e em que já se encontravam muitos mortos e feridos, entre estes, Ornellas de Vasconcellos e D. Pedro da Costa (Vila Franca) este ultimo tão gravemente que veiu falecer no hospital e o primeiro que tambem faleceu oito dias depois.

Havia já mais conspiradores prisioneiros dos republicanos, entre os quaes mais feridos incluindo o impedido de Paiva Couceiro, que sempre o havia acompanhado desde suas campanhas em Africa. Isto desesperou o chefe da incursão que mandou assestar artilharia para bombardear Chaves, causando as granadas estragos importantes na vila, dando-se a singularidade de uma granada ir cahir no quarto que pouco antes deixara o capitão Maia Magalhães, indo acudir ao combate.

A artilharia de Couceiro vomitava granadas sobre a praça, mas as forças republicanas não afrouxavam o combate, quando, neste meio tempo chega a artilharia de volta de Montalegre, e tomando logo posições, principiou a metralhar os conspiradores, levando o terror ao seu acampamento e dando-se, então, a debandada geral, principiando por Paiva Couceiro, que fugiu para a raia com a sua gente que pôde reunir.

No campo, ficaram abandonadas duas peças e metralhadoras, grande quantidade de armas e munições de guerra, deixando mortos e feridos ao abandono. Quer nos cartuchos quer nas armas viam-se marcas de fabricas de Espanha, ainda que em algumas meio raspadas.

Dos rasgos de valôr praticados neste combate pelas forças republicanas, refere-se o do mestre de claris, Antonio de Azevedo, já premiado com duas medalhas de salvamento e outra de comportamento exemplar, o qual conseguiu desalojar os conspiradores do espaldão da carreira de tiro. Para o efeito, Antonio de Azevedo pediu, com insistencia, ao alferes Adão, que o deixasse ir só atacar aqueles conspiradores, o que, afinal, lhe foi consedido, e ele dirigiu-se para os conspiradores acoutados e fez fogo, matando com tres tiros tres dêles e ficando-lhe entalado o quarto cartucho, isto o não desconcertou porque á coronhada feriu mais dois que entregou ao alferes.

Tornou a voltar e vendo uns cinco numa pedreira, desfechou sobre elles matando um e fugindo os outros; avançou ainda para um massiço de giestas onde se escondiam mais conspiradores, ali feriu o tenente Ornellas e Vasconcellos e D. Pedro da Costa (Vila Franca), o que já se referiu. Apreendeu tambem 7 armas, 250 cartuchos, 2 sabres, etc.

Este é o relato, em resumo, do que se passou no combate de Chaves, que durou umas 10 horas e foi a ação mais importante da nova incursão.

Como ficou dito, Paiva Couceiro contava para a sua incursão com elementos da terra portugueza que o ajudassem. De facto por tudo o país se notou uma certa agitação, mais pronunciada em umas terras do que em outras, reconhecendo-se a existencia de *complots*, desde o sul, em menor escala, até ao norte, onde tiveram maior importancia. No Sul o *complot* que se manifestou foi na Azóia, uma freguezia entre Leiria e a Batalha, mas que logo foi sufocado, havendo varias prisões. No Norte, porém, é que se manifestaram *complots* nas seguintes terras: Aveiro, Braga, Gondomar, Guimarães, Viana do Castelo, Famalição, Guarda, Ribeira de Pena, S. Gens, Fafe, Caminha, Barcelos, Mirandela, Vinhaes, Vila Verde, Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto, sendo nesta ultima que o levantamento dos conspiradores tomou maiores proporções, pois não só foi assassinado o administrador João Augusto de Mendonça Barreto e ferido o secretario das finanças Taborda, mas apossou-se dos Paços do Concelho, onde arvorou a bandeira monarchica e queimou a republicana. Os conspiradores, armados de carabinas, caçadeiras, pistolas Browning, foices e paus, eram comandados pelo padre Domingos, que tinha um estado maior de quasi todos os padres do concelho, e assim proclamaram a monarchia em Cabeceiras de Basto. O bando dos amotinados matou o major reformado Baltazar Macedo, que passeava a cavallo nas suas propriedades de Travassó. Em Abadim mataram o regedor. Dominaram, enfim, todo o concelho, não podendo ser logo accossados pelas forças repulicanas, por estarem impedidos os meios de comunicação para lá chegarem.

Só dias depois é que ali poderam entrar forças militares que puzessem em fuga os conspiradores matando alguns. O povo, indignado, deitou fogo á casa do padre Domingos e outras de monarchicos. Lançou tambem fogo á casa de um taberneiro por este envenenar o vinho que vendeu aos soldados republicanos, o que, felizmente, não conseguiu causar a morte a nenhum destes, pois desse vinho só beberam um soldado e um official, que, sentindo-se incomodados, logo o medico lhes fez uma lavagem ao estomago.

Em Celorico de Basto tiveram tambem certa importancia os acontecimentos, pois entrou na vila um bando de conspiradores armados que prenderam o administrador, dr. Antonio Rodrigues Salgado, e fez buscas em casas de varios republicanos, arvorando depois no edificio da Camara a bandeira azul e branca.

Aqui, como em Cabeceiras, foram os conspiradores pôstos em fuga pelas forças republicanas que tambem custaram a lá chegar, em consequencia de os caminhos estarem impedidos com grandes arvores cortadas e assim como os fios telegraficos tinham sido destruidos.

Esta estrategica deu-se por outros pontos das provincias do Minho e Traz-os-Montes, onde os conspiradores derrubaram muitas arvores para atravessar nas estradas e pontes que pretendiam destruir a dinamite, e cortaram as comunicações telegraficas.

Todos estes damnos se tem restaurado e estão ainda restaurando-se, com toda a presteza, pois nisto como na defesa da Republica povo e exercito desenvolveu uma actividade e energia que tocou o heroismo.

NECROLOGIA

Visconde da Torre

Em 26 do mez findo, faleceu repentinamente, em Vigo, o sr. visconde da Torre, vitima de congestão que o acometeu, na rua Corval, quando recolhia ao Hotel Universal, onde estava hospedado.

O visconde da Torre, Alberto Feio da Rocha Páris, foi figura importante da politica, no partido regenerador da extinta monarchia.

Nasceu, em Viana do Castelo, a 6 de janeiro de 1863, filho do falecido conselheiro Antonio Alberto da Rocha Paris e de D. Maria José de



VISCONDE DA TORRE

Araujo Azevedo Vasconcelos Paris, pertencendo assim a uma das mais illustres familias da provincia do Minho.

Desde novo que revelou pronunciadas tendencias literarias em jornaes e revistas, colaborando de parceria com Sebastião Pereira da Cunha e Silva Campos, com os quaes fundou, aos 18 anos, a revista literaria *Pero Galego*, que foi muito apreciada.

Distinguindo-se no jornalismo, depressa entrou na politica, sendo, por decreto de 14 de junho de 1883, agraciado com o titulo de visconde da Torre, titulo que pertencera a seu falecido tio materno João Feio de Magalhães Coutinho, da Casa da Torre de Soude de Braga.

Dispondo, tanto ele como sua familia, de larga influencia eleitoral, foi deputado em varias legislaturas, distinguindo-se no parlamento, tomando a chefia do partido regenerador, em Braga, quando morreu o dr. Jeronimo Pimentel. Foi por varias vezes governador civil do distrito de Braga.

Ultimamente desempenhava o alto cargo de director geral dos negocios ecclesiasticos, quando foi proclamada a Republica. Tambem foi nomeado par do reino na ultima fornada que houve, não chegando, porém, a tomar assento na camara alta.

Ausentou-se para fóra do país, com a mudança do regimen, encontrando se agora em Vigo onde a morte o surpreendeu.

A noticia do seu falecimento foi muito sentida, especialmente em Viana do Castelo, onde sua familia gosa alta consideração, e para onde veiu trasladado o cadaver, sendo-lhe feitos nesta cidade os officios funebres.

Quintino Bocayuva

Telegramas do Rio de Janeiro de 12 do corrente, transmitiram a noticia da morte de Quintino Bocayuva, um dos grandes caudilhos da republica brasileira.

De facto Bocayuva foi dos homens que mais concorreu para a implantação daquela republica, com a valiosa propaganda da sua pena fulgurante na imprensa jornalística, quer no *Diario do Rio de Janeiro* ao lado de Saldanha Marinho, Lafayette, Firmino e Francisco da Cunha, quer nos jornaes *Republica*, *Globo* e por fim no *Pais*, de que o conde de Matosinhos era proprietario e de que Bocayuva foi redactor principal.

Nascido no Rio Grande do Sul fez sua educação literaria na Universidade de S. Paulo, vindo para o Rio de Janeiro em 1865, e entrando no jornalismo, como ficou dito, tendo comtudo pago seu tributo ás musas assim como produzido algumas obras teatraes representadas com aplauso do publico.

A sua figura, porém, avulta mais ainda, quando da proclamação da Republica, Bocayuva toma logar ao lado de Deodoro da Fonseca, no pronunciamento militar que determinou a mudança de regimen.

Deodoro dispunha de uns 800 homens quando se dirigiu com Bocayuva para o quartel do 1.º regimento, onde estavam varias forças reunidas, incluindo bombeiros, que se elevavam ao todo a uns 4:000 homens.

Deodoro pretendia derrubar o ministerio, mas Bocayuva, que o acompanhava a cavallo, apesar de não ser militar, é que muito influuiu Deodoro a aproveitar o ensejo para levantar o grito da Republica, conseguindo arrastar comsigo as forças reunidas naquele quartel.

A causa triunfou.

Deu-se nesta revolução um caso curioso pouco ou nada conhecido entre nós. O cavallo em que Bocayuva montou para acompanhar Deodoro, foi depois adquirido pelo conde de Matosinhos, para o aposentar e que mais ninguem o montasse.

Quintino Bocayuva foi o ministro dos estrangeiros do primeiro governo da Republica.

Nesta qualidade prestou altos serviços ao Brasil, como o de conseguir a aproximação do seu país da Republica Argentina, para o que foi ele proprio a Buenos Aires em missão especial.

Fez parte das Côrtes Constituintes em 1891 e depois senador da Republica.

Exerceu o alto cargo de governador do Estado do Rio de Janeiro, cargo que deixou, sendo substituido pelo dr. Nilo Peçanha, voltando a ocupar o seu logar no senado.

Tendo feito parte, como se disse, do primeiro governo da Republica, isso não impediu de ser agora o chefe do partido conservador que fez eleger o atual presidente Hermes da Fonseca.

Quintino Bocayuva deixa quatro filhos, um dos quaes é hoje secretario da legação do Brasil, em Paris.

O Brasil perdeu em Bocayuva um dos seus filhos mais prestimosos, um dos seus talentos de maior valor.



QUINTINO BOCAUYVA



Ultimos Versos, por Sousa Viterbo (David Rosa), com um prefacio de Alfredo da Cunha. Lisboa, Livraria Ferreira, editora, 1912. Um volume in-8.º de 96 pags. incluindo indice.

Este pequeno volume, que ora vem a lume, reúne as poesias ineditas e outras por coligir em livro, ainda que publicadas numa ou outra revista ou jornal, de Sousa Viterbo. A este trabalho se deu a filha do poeta, para que não se perdessem, ignoradas do publico, essas preciosas joias legadas por seu pae, que fazem parte do valioso patrimonio, que seu amor filial mais valioso ainda torna.

São mais uma afirmação dos puros sentimentos daquela alma sofredora, que se cristalisou nas trevas da cegueira, irradiando a luz de que não era avara, na mocidade como na velhice, que as desilusões da vida lhe não esmoreceram a crença.

Moço, os seus versos são *Todas Populares* que o povo decora e canta:

Embarquei-me vinte vezes,
Passei a linha outras tantas,
Mas nunca ouvi a sereia
Cantar tão bem como cantas

Vem a velhice, peor ainda, a cegueira, mas sua lira canta na mesma suavidade pura de uma bônhomia inexcédível.

E dita este seu ultimo soneto:

Dizem que vem rompendo a madrugada
E que tudo sorri alegremente,
Como se despontasse no Oriente
Um vulto suavissimo de fada.

Ouve-se na floresta embalsamada
O cantico dos passaros fremente
E no ribeiro a limpida corrente
Oscula os pés da natureza amada.

Tudo, tudo palpita, e sem embargo
Sinto apenas o vacuo da existencia
Num fundo abismo, cada vez mais largo.

Vou cahindo, cahindo em somnolencia,
Até que fique, em ultimo letargo,
Adormecida a minha consciencia.

Bem fez a sr.ª D. Sofia de Sousa Viterbo em coligir e dar á estampa, mais estas paginas de versos, que são tanto um tributo de seu amor filial como honra para a memoria de seu saudoso pae.

Estrangeirismos. *Resenha alfabetica de centenas de vocábulos e locuções estranhas, individualmente usadas em nossa moderna linguagem oral e escrita*, por Candido de Figueiredo. Vol. II. Lisboa, Livraria Classica Editora, de A. M. Teixeira & C.ª, etc. Volume de 332 pags. in-8.º incluindo indice.

A autoridade do sr. dr. Candido de Figueiredo é já bem reconhecida pelo publico leitor e que se interessa pela pureza da nossa lingua, para que necessite de reclamo a sua obra. Poucos homens de letras hoje entre nós se dedicam com o mesmo amor ao estudo da lingua mãe, espurgando-a dos vocabulos e locuções estranhas que pelulam na moderna linguagem oral e escrita, servindo-nos do proprio sub-titulo deste livro; poucos se têm dado a esse trabalho verdadeiramente fatigante, pois são, infelizmente, inumeras as palavras e frases que de longa data tem vindo e, cada vez com mais insistencia, abastardando a formosa e rica lingua de Camões.

O abuso de estrangeirismos introduzidos na nossa lingua, na maioria completamente desnecessarios, só mostram a ignorancia de quem os usa, ou a parvoice de se darem ares de poliglotas, mais conhecedores das linguas estrangeiras do que da sua propria. Ninguem de bom senso, pôde louvar uma tal desnacionalisação, que a propagar-se acabará por perder a lingua em que foi escrito o mais rico poema de todos os tempos e que é o orgulho deste povo.

Sobrestar esta corrente tem sido o trabalho do sr. dr. Candido de Figueiredo; é o fim a que se propõe o livro *Estrangeirismos*, de que este é o segundo volume, tendo o primeiro já duas edições, o que basta para comprovar a utilidade da obra.

Que este volume tenha a mesma extração que o seu antecedente, e a sua leitura aproveitará, como é para estimar.

PELOS TEATROS

Trindade

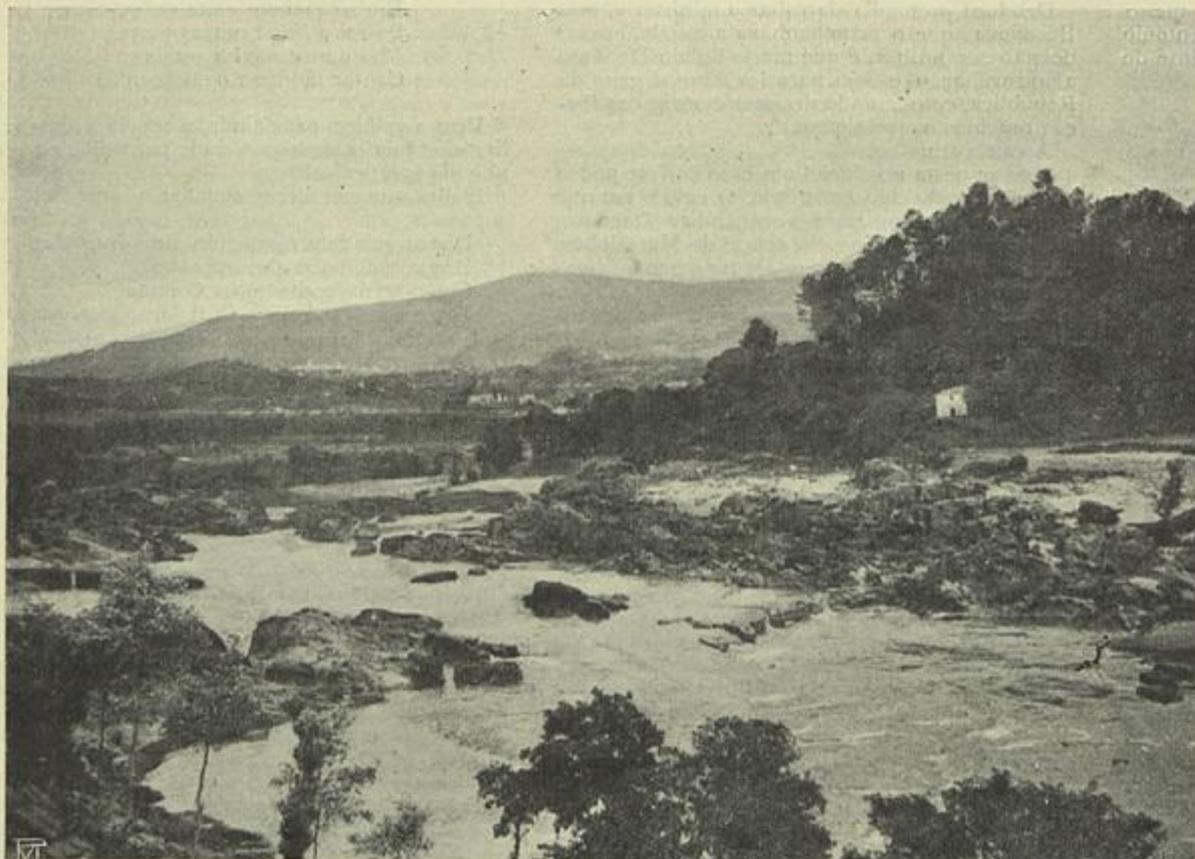
Com a temporada de verão dá-nos espectáculos mímicos.

Para a expressão do pensamento, para a classificação das coisas creou a natureza a palavra; primeiro interjectiva, modulada depois até atingir um grau suprêmo de perfeição com os heleos e daí até aos nossos dias.

O gesto serviu-lhe de apanágio.

Era lhe inherente. A dôr humana encontrou nêl talvez a sua mais viva expressão.

Mas este de per si não seria capaz de traduzir o mistério tenebroso de uma alma, como aquella nunca o poderia bem exprimir.



A FRONTEIRA PORTUGUESA NO ALTO MINHO, Á ESQUERDA A MARGEM ESPANHOLA, Á DIREITA A PORTUGUESA — A CASA DA COSTA DO CASTELO DEPOIS DA EXPLOSAO OCORRIDA EM 7 DO CORRENTE, A QUE SE REFERIU A CRONICA DO ULTIMO NUMERO

(Clichés da «Mala da Europa»)

A mímica é uma arte que fica muito bem em surdos-mudos. Ela pretende apenas traduzir as ideias por gestos, sem nenhuma intenção de Arte. Não que seja somente na palavra que se encontre o sublime, porque o vamos encontrar na música, arte immaterial, e na dança, arte material, palpavel, humana.

O espectáculo mímico será sempre uma forma assaz imperfeita de exprimir o pensamento humano, porque não oferece aquela grandiosidade nem deixa aquela profunda impressão de outros espectáculos que compensando ideias correntes ou sublimes e tendo por instrumento o Verbo, os Sons ou a Harmonia, possuem um fundo humano e são a representação rial e verdadeira da Vida.

Teremos de considerar este género de teatro como de decadência e constatar-mos, se um interesse gran-



de isso desperta, que andamos muito afastados das rigiões do Belo.

A peça mímica representada intitula-se *A história de um pierrot*.

É uma velha mas interessante história para a qual o maestro italiano Mário Costa escreveu uma música muito agradável, por vezes difícil.

A representação mímica acompanha os ritmos da música.

Esta ligação da música com a mímica, tornando o espectáculo mais interessante, aproveita sobretudo muito mais à mímica do que à música, não conseguindo contudo desvanecer aquela desagradavel impressão em nós produzida pelo facto de vermos criaturas humanas exprimir os seus sentimentos num mutismo atroz como que se a elle tivessem sido condenados por qualquer maléfico poder.

O desempenho, entregue a Elvira Minoretti, Rosa Andrade e António Gomes, foi regular, convindo dizer aqui à puridade que em algumas ocasiões nos quiz parecer que aos interpretes da *História de um pierrot* não faltou vontade de falar.

Talvez tivesse sido por isso que um jornal da capital, referindo-se à primeira destas actrizes, disse que ella possuia uma excelente voz.

A. N.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

**CONTRA
A TOSSE**

**XAROPÉ PEITORAL
JAMES**

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias